

Antunes, António Lobo (1942): *Crónicas*

Para além dos romances, Lobo Antunes reflete o tema pós-colonial na sua obra cronística. Uma destas crónicas, “Crónica Para Ser Lida Com Acompanhamento de Kissanje”, incluída no volume Segundo Livro de Crónicas (2002), pertence às mais emotivas, deixando clara a relação do autor para com o espaço africano.

A coisa mais bonita que vi até hoje não foi um quadro, nem um monumento, nem uma cidade, nem uma mulher, nem a pastorinha de biscuit da minha avó Eva quando era pequeno, nem o mar, nem o terceiro minuto da aurora de que os poetas falam: a coisa mais bonita que vi até hoje eram vinte mil hectares de girassol na Baixa do Cassanje, em Angola. A gente saía antes da manhã e nisto, com a chegada da luz, os girassóis erguiam a cabeça, à uma, na direcção do nascente, a terra inteira cheia de grandes pestanas amarelas dos dois lados da picada e uma ocaisão

Lembro-me

Um bando de mandris numa encosta, quietos, observando-nos. Depois cansavam-se de nós e desapareciam na sombra dos caules. A coisa mais bonita que vi até hoje foi Angola, e apesar da miséria e do horror da guerra continuo a gostar dela com um amor que não se extingue. Gosto do cheiro e gosto das pessoas.

(...)

Conversava com a tia Teresa ao fim da tarde quando me vinham saudades de tudo. Às vezes impingia-me uma das suas empregadas: nunca fui capaz de aceitar. Mandava vir uma bacia com água, sabão, uma toalha, e lavávamos ambos, solenemente, a cara. Um dia entregou-me uma lata de pó de talco, na ideia de me proteger do mau olhar. Se calhar protegeu. E, de palmas cor de caliça, comíamos moamba juntas. Ela e o kimbanda Kindele, ou seja o médico branco. Eu que tantas vezes, em África, tive vergonha de o ser. O meu corpo tão desgraçado. Se encostasse o meu ouvido a uma árvore não sabia, como a tia Teresa, quem vinha. Mas o soba Kaputo convidou-me para padrinho do filho, a maior distinção que recebi até hoje: por educação, ninguém troçou da minha forma de dançar. Uma velha com a brasa do cigarro no interior da boca apertou os meus dedos nos seus dedos:

euá Velha

aperta os meus dedos outra vez: estou a escrever isto com uma alegria grande, a mesma com que aos domingos de manhã fumava mutopa

cachimbo de cabaça

com os homens, os ouvia falar, jogava com eles uma espécie de gamão de pedrinhas

à medida que olhava a jangada a atravessar o rio Cambo, debaixo dos morcegos do crepúsculo, com os candeeiros da Chiquita ao longe. Os girassóis recolham a cabeça para poderem dormir, os mochos voavam contra os faróis do jipe, no caminho. A fazenda de tabaco do senhor Gaspar, com as suas caveiras de hipopótamo. O senhor Gaspar sorria no interior do bigode

euá Senhor Gaspar

sentávamo-nos na varanda

- Tumama tchituamo

e o macaco dele, aos guinchos, fazendo tilintar a corrente: dava-lhe o medo do escuro. Lá vinha a bacia de água, o sabão, a toalha. No meio da miséria e do horror havia momentos de um contentamento tão grande. Uma paz de eternidade que não voltei a encontrar. O que mais quero no mundo são os girassóis da Baixa do Cassanje e eu a caminhar

a voar

por entre eles.

- Euá Velha

aperta os meus dedos outra vez.

(ANTUNES, António LOBO. *Segundo Livro de Crónicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 32–33)

Atividades:

1. Especifique os elementos particularmente caros ao narrador.
2. Compare tais elementos com os romances *Os Cus de Judas* e *Conhecimento do Inferno*. Indique os traços intertextuais.

A crónica “078902630RH+” de Terceiro Livro de Crónicas (2006) é particularmente explosiva e torrencial, testemunhando o grau de envolvimento emocional, bem como o trauma que continuam a acompanhar o narrador/autor durante um longo período temporal. As sensações parecem tão vivas como nos seus primeiros romances.

E de súbito isto regressa como um vómito, o mesmo enjoo, o mesmo mal estar, o mesmo nojo. O prisioneiro sem pernas que se amarrava ao guarda-lamas do rebenta-minas e gritava o tempo todo. O quartel da Pide com os prisioneiros lá dentro, e a mulher do inspector que lhes dava choques eléctricos nos tomates. O alferes que durante um ataque saiu da caserna com um colchão sobre a cabeça, a borrar-se literalmente de medo.

O primeiro morto, um condutor a que chamávamos Macaco. A gente a escolher os nossos próprios caixões na arrecadação: continuo a lembrar-me do meu. Pregava-se a medalha que trazíamos ao pescoço, com o número mecanográfico e o grupo sanguíneo

(a minha 078902630RH+)

na madeira. Os pelotões de regresso da mata, desfeitos de cansaço.

O helicóptero

- Atenção mosca atenção mosca

dos feridos. A minha pergunta constante

- Porquê?

o ruído do milho, à noite, contra o arame. O apontador de metralhadora, ferido ao pescoço, que continuava a disparar. Os nossos morteiros 70 contra os morteiros 120 do MPLA. O Melo Antunes a comunicar que tínhamos feito prisioneiros

(uns velhos, uma mulher grávida)

O Pide a dar um pontapé na barriga da mulher grávida, o Melo Antunes a apontar-lhe a pistola e a mandá-lo ir-se embora, o Pide a ameaçá-lo, o general furioso com o Melo Antunes. Como perdíamos muitas camionetas com as minas, a ordem

- As Mercedes são ouro, os homens que piquem

e com as picas as minas anti-pessoais a arrancarem as pernas aos soldados. Metia-lhes garrotes e iam acabar no Luso de embolias gordas. Isto regressa como um vómito e tenho de falar nisto. E vocês têm de ouvir, porque eu continuo a ouvir. Em nome do Pereira, do Carpinteiro, dos outros que perdemos. Vocês têm de ouvir. Mesmo que eu escreva isto mal porque estou a escrever com o sangue dos meus mortos. Não posso esquecer. Não consigo esquecer. Eu, o 078902630RH+, não consigo esquecer. Porque no dia em que esquecer mereço que alguém pague a minha medalha no primeiro caixão. Escrevo mal porque estou a escrever com o dedo na terra. Não é uma crónica, não é já um vómito, são lugares-comuns se calhar mas não importa. Eu estive lá. Eu vi. Não pretendo fazer arte, alinhar coisas bonitas. Não sou escritor agora: sou um oficial do exército português. Não terei sido um criminoso por haver participado nisto?

(ANTUNES, António LOBO. *Terceiro Livro de Crónicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2006, p. 111–112)

Atividades:

1. Identifique a atitude do narrador perante as atrocidades nas quais tem que participar.
2. Compare esta atitude com os romances *Os Cus de Judas* e *O Conhecimento do Inferno*.
3. Especifique a problemática existencial.